



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES—BARCELLOS

O DEVER DE EDUCAR

II

A preocupação de educar bem. — A alma das creanças e a nossa influencia sobre ellas. — Um erro de muitos paes. — A educação antes do collegio. — De como se podiam roubar algumas horas a occupações inuteis. — As associações dos Paes na Inglaterra e Belgica. — Um Congresso Internacional de Educação Familiar. — O que uma Associação de paes portuguezes podia fazer. — O que ha de bello e grande no dever de educar.

No meu ultimo artigo tentei mostrar como é claro e imperioso o *dever de educar*, para quem de-seje sinceramente a renovação social da nossa patria.

Esse dever é de todos e para todas as creanças.

Todos na realidade estamos mais ou menos em contacto com ellas, na familia ou mesmo fóra d'ella.

Todos temos mais ou menos occasião de: dar ordens a uma creança, de ouvir e ter de dar uma resposta ás suas perguntas, de presenciar uma boa ou má acção que pratiquem, de as entreter.

Como devemos proceder para que o nosso

acto não seja inutil ou até gravemente prejudicial para esse pequenino ente, que tantas vezes nos é querido?

Todos devemos sentir esta *preocupação* no convívio com as creanças porque, sobretudo nas primeiras idades, o seu espirito é fragil e moldavel como a argila.

Os nossos actos, as nossas palavras, a nossa conducta para com ellas, deixam-lhes impressões que mais tarde, ao consolidar-se o character já se não desfazem, como se não apagam os sulcos do barro, depois de secco e consistente.

E' vulgar dentro da familia os paes descuidarem a educação dos filhos, dizendo que o collegio mais tarde remediará as suas faltas.

E' um erro grave e muitas vezes irremediavel.

Em primeiro logar entre nós os collegios são, com rarissimas excepções, simples machinas de fazer exames, em que a educação occupa um logar bem pequeno e bem mau.

De modo que as creanças que n'elles entram, com o character por formar ou deformado, poucas probabilidades têm de soffrer uma acção educativa, sã e effizaz.

Mas ainda mesmo que os collegios fossem bons . . . Se a familia lhes não *preparar* a tarefa por uma educação anticipada e se lh'a não auxiliar por uma boa orientação educadora no tempo em que, fora do collegio, a creança está em contacto com ella, por melhor que seja o collegio é-lhe difficilimo exercer

uma acção completa e profunda sobre a alma dos educandos.

Quem esteve em qualquer internato, sabe bem como a má educação familiar se reflecte largamente na conducta dos collegiaes.

Quantas creanças veem já indisciplinadas, desobedientes, preguiçosas, desattentas, irritaveis, vaidosas ou acanhadas, para os collegios! E muitas vezes toda a boa vontade e esforços dos professores se esbarram contra esses defeitos já fundamente installados no character, que no emtanto os paes, por uma educação prévia cuidadosa, podiam ter evitado!

Ás vezes o freio artificial da disciplina no collegio consegue conter esses vicios, apaga-los, disfarça-los.

Voltam, porém, logo á superficie quando a acção tutelar desaparece.

E em todo o caso sempre com grande perda e soffrimento para a creança que se não pode adaptar sem custo, se o meio familiar é mau educador, ao collegio ou mais tarde á sociedade.

No emtanto, faz tristeza confessa-lo, raras, rarissimas são entre nós as familias que educam as creanças, com uma orientação boa e sã.

Raros os paes que procuram elucidar-se com cuidado e intelligencia, sobre os methodos de educação racional e que sabem fazer de seus filhos homens «bem armados para a vida».

Seria pedir muito, entretanto, que as nossas burguezinhas roubassem umas horas aos seus romances, ás suas visitas, ao seu piano, á sua costura para as dedicarem ao estudo reflectido e cuidadoso da maneira de educar seus filhos?

E seria muito mal empregado que os nossos chefes de familia encurtassem um pouco o tempo do seu bridge, das suas extensas conversas sobre politica ou má lingua, das suas horas de café ou de club para pensarem a serio na santa obra que é bem formar o corpo e a alma dos filhos?

Não se pense que eu quero exigir dos paes uma vasta erudição pedagogica.

Não. Bastava que elles empregassem um sincero esforço para se orientarem bem, que tivessem uma lucida consciencia da gravidade

da sua missão de educadores, e muitos erros grosseiros que mancham a nossa educação familiar desapareceriam.

Lá fóra ha associações dos paes como a *Parents National Educational Union*, ingleza, e a *Ligue Nationale pour la vulgarisation des sciences pratiques, pedagogiques e sociologiques dans les familles*, belga, que auxilium admiravelmente os esforços dos paes para bem se orientarem na educação dos filhos.

Ha Revistas como *L'Education Familiale* de Bruxellas, e a *Parents Review* de Londres, que são órgãos d'essas associações e que fornecem bellas e uteis indicações aos paes que querem ser educadores a serio.

E é tal a importancia que se liga ao problema da educação na familia, que este anno (de 21 a 25 de agosto) se realisa em Bruxellas o terceiro *Congresso Internacional de Educação e Protecção da Infancia na familia*, patrocinado pelo governo belga, congresso que se succede ao de Liége (1905) e ao de Milão (1906) e onde se discutiram todas as questões que interessam á Educação familiar.

Era uma bella e nobre ideia que entre nós se unissem os paes n'uma associação que procurasse evitar todos os erros, todos os crimes até, que se commettem na educação das creanças.

Unidos em um feixe, como os vimes da parabola, podiam melhor resistir á onda de velhos preconceitos, de rotina gasta e acanhada que ha na nossa Educação familiar.

E até conseguiriam impor-se aos directores de collegios e aos governos para: protegerem os filhos contra a exploração mercenaria e ignorante d'uns, e contra a negligencia e a leviandade dos outros.

Poderiam obter melhores professores, melhores livros, melhores edificios do que esses que mostram por esse paiz fóra, como o amor dos paes portuguezes pelos filhos é inintelligente e descuidoso.

Mas antes de mais nada, no que cada familia deveria empregar e desde já o melhor dos seus esforços, era em cortar todos os erros, todas as monstruosidades que viciam a educação dentro d'ella.

Em artigos posteriores a este irei expando

Sentido de viver

(FRAGMENTO)

A noite debruçou-se sobre a terra
E os seus abraços mysticos de sombra
Enlaçaram-na toda.

Um luar de gelo

Transfigura a paisagem silenciosa
E as coisas, ao luar, como se esbatem
N'um turbilhão de formas impalpaveis...

Caminhando á ventura, os dois Poetas
Frente a frente se viram e fallaram
No valle immenso, n'essa noite clara.
«O Noite, mãe-astrol, madre fecunda,
Ventre de treva grávido de luz,
Foi no teu seio extático e dormente
Que a Vida no Principio estremeceu
E teus dedos de sombra modelaram
A primitiva Forma original!
Louvada sejas tu, louvada sejas,
O' Noite, mãe da Luz e Carne-viva!
Por teu humano aneio de crear
O Espirito encarnou e se fez Verbo
E o sonho se tornou realidade,
Certéza palpitante e vigorosa.
E na sêde fatal da Perfeição,
Como os artistas nunca satisfeitos,
Fôste amorosamente completando
A Obra, inda crepusculo indeciso.
Da brutéza do lodo rastejante,
Mas já prenhe de vida e d'energias,
Novas Formas teus dedos arrancaram
E d'essas outras Fórmulas novas Fórmulas,
Até que A derradeira, a mais perfeita
De todas que animou o teu Desejo,
Surgiu victoriosa á luz dos mundos!
Mas não findou a tua acção ainda
E eu sinto, ó Noite, o teu insatisfeito
Espirito pairar por sobre a Terra
Na aneia de mais Bem de mais Belleza,

E teu rôsto alegrar-se, presentindo,
Que já vem perto, ao fim de tanta magoa,
O teu selimo dia abençoado!»

«Onde quer que teus dedos se poisaram
E a sombra do teu halito passou
Alguna coisa, ó Noite-mãe, ficou
Da tua indecisão, da tua duvida!
Viver! viver! Quem sabe lá p'ra onde
Vamos! quem sabe lá d'onde viemos!
Perdemo-nos na estrada e nunca mais,
Ai, nunca mais na vida acertaremos! . . .
Viver! viver! . . .

O' Noite, porque deste
Á miseria da Carne soffredora
Éstes olhos mortaes, que tão somente
A Forma transitória surprehendem,
É nas almas rasgaste esse outro olhar,
Mais claro, mais profundo, mais intenso,
Essa janella astral sofredamente
Aberta p'ra uma Luz que não existe?
Porque havemos de vêr O que não vemos
É trazer dentro em nós acorrentado
O Sonho harmonioso d'uma Vida
Diversa d'esta vida que arrastamos?
De que serve sêr pedra ou trigo ou aza,
Se a pedra quer ser trigo, florescer,
O trigo quer ser aza, quer ser livre,
E a aza tambem quer subir, subir.
Sêr mais que pedra ou trigo, sêr Espirito?
O' Noite! ó Noite-mãe, vem nos dizer
O segredo que ha tanto e tanto guardas!
Onde o Fim do Caminho que levamos,
Se não será chymera fugidia
A aurora de Bondade e de Belleza
Que o nosso pensamento ao longe enxerga!
Terra de Sol, dos areaes ao homem
Todos a sonham, todos a presentem,
E mal, emfim, a julgam ter tocado
Para mais longe a Terra se desvia!
Viver! viver! se a Vida é toda assim,
Uma pergunta a que ninguem responde!

JOÃO DE LÈBRE E LIMA.

alguns d'esses erros, a maneira pratica de
os remediar e de reformar a educação das
creanças na familia, tal como a entendo e a
ensinam os mestres da educação moderna.

Educar racionalmente, com um grande
amor e um grande respeito pela creança;

cercar de cuidados intelligentes o seu de-
senvolvimento, sem nunca o entorpecer, nem
abafar; provocar a gradual formação de um
solido character e de uma intelligencia sã, é
um nobre e grande dever de todos os paes.
E se exige muita paciencia, e muita abnega-

ção, dá em compensação a mais bella das recompensas que é sentirmos viver em outros: melhor, mais feliz, mais elevada, um pouco da nossa vida.

E' sabermos que com o nosso penoso esforço construímos a felicidade dos filhos e contribuimos portanto para um melhor futuro da patria.

J. B.

Ares do Porto

A CHUVA

16 de junho.

JÁ nem posso calcular quando principiaram estas chuvas impertinentes, que nos veem alagando ha longos mezes. E, com frequencia, ponho-me a pensar nas indiziveis torturas que devia ter soffrido a humanidade dos fins do X seculo ou principio do XI, quando o homem foi atormentado por um chuver de tres annos consecutivos.

N'estes dias, eu comprehendo bem que esta é a mais odiada de todas as formas da agua. E, se não fossem as benções com que as plantas parecem receber a chuva após longa e desesperadora agonia, sob os incendios do sol, eu affirmava que as maldições sobre ella excediam o numero das suas gottas.

E todavia o homem tem solidas affeições com a agua, amidades que veem desde o dia em que, na pia baptismal, amorosamente e cheia de esperanças, ella o molha como se estivera dessedentando a população d'algum amortecido canteiro.

Depois, pela vida fora, vem saudá-lo a cada instante, encontra-lo como fiel namorada. Offerece-lhe o crystal immaculado dos orvalhos que repousam pelos fios tenros da herva ou caem dos labios dos lirios innocentes. Estende-lhe brunidos espelhos na face dos lagos pacificos. Tornada oceano, deixa que o navegante lhe rasgue o seio e lhe domine as revoltas. Se corre das fontes, desfia uma canção melancolica, toda bondade, toda carinhos, para chamar os que teem sede e

dar-se-lhes amavelmente, na santa independencia das coisas inconquistadas pelo egoismo da propriedade.

Só a chuva não tem encantos. Veste as cidades de tedio e os campos de tristeza. Prohibe ás mulheres as galas com que a moda as transforma em poemas de seducção. Vergasta, impiedosamente, cruelmente, as carnes torturadas dos miseraveis que teem por tapete a lama das ruas e por tecto a cupula gigantesca dos ceus. A chuva é o pranto amargo da natureza viuva do sol, que é a sua vida, a sua gloria.

Por isso eu não amo a chuva, e ainda porque me encarcera na monotonia da cidade e me impede de sahir para a grande liberdade das lindas veigas da minha terra, onde o povo immenso das plantas vive e ama na ausencia de formulas e na ignorancia dos codigos.

J. VIEIRA.

Duas palavras de justiça

O sr. Conde de Villas Boas acaba de deixar a administração do concelho.

Da sua orientação, da sua conducta como auctoridade do municipio, tem este jornal de destacar um aspecto: o seu trabalho em favor da renovação da vida local.

Esquecida na bruma de um passado tristemente longinquo, a vida municipal, que foi a alma e a força da nossa patria, está hoje apagada pela acção esterilisante da centralisação, pela acção absorvente e dissolvente do governamentalismo.

Quando decahiu essa vigorosa energia municipal, em fins do seculo XV, começou tambem a nossa decadencia.

E o nosso resurgimento politico e administrativo só pode iniciar-se quando a vida local de novo se revelar sob todos os seus aspectos sociaes, com uma autonoma e vigorosa energia.

Quando trouxermos bem para a luz, fazendo-a conhecer-se e affirmar-se, a alma hoje apenas latente de cada região, de cada terra.

Quando fizermos reviver o amor intelligente, largo e bem orientado de cada um

BARCELLOS



No Cavado — Sob os arcos da ponte

Cliché de Francisco Soucasaux

Simili-gravura de Marques Abreu

pelos interesses locais, pela *vida de campanario*.

Sim, *pelos interesses de campanario*, como dizia Herculano, mas não os mesquinhos e estreitos, que se circumscrevem dentro de limites pessoais e egoístas.

Não os interesses importunos, acanhados, exclusivistas, que se crystallizam simplesmente na ambição: de uma estrada a mais, de um sino novo para a torre ou no desejo menos innocente de fazer uma picardia politica.

Não os interesses em conflicto com os mais altos interesses da nação, mas os que se fundem e se harmonisam com a vida nacional, n'uma franca e ampla solidariedade.

Interesses que são os da economia da região, da sua educação social, da sua hygiene, do desenvolvimento da sua energia productiva, do realce da sua belleza natural.

Esse forte amor pela sua terra, largo, intelligente e dedicado; essa alta comprehen-

são de que o resurgimento da vida local é o primeiro passo a dar para a renovação da vida nacional, teve-os o sr. Conde de Villas Boas e procurou realisá-los praticamente.

E assim conseguiu que se fizesse a primeira festa verdadeiramente regionalista do paiz em que vibrou commovidamente, porque se affirmava, porque se sentia dignificada, a *velha alma do Minho*.

Festa gloriosa do trabalho, a Parada Agricola, mostrou o caminho, foi o inicio.

O seu successo mostra como a orientação que ella traduziu representa uma alta necessidade social e uma grande e generosa aspiração.

Para a realisar foi preciso uma grande tenacidade, uma grande intelligencia e um grande amor por ella.

E o snr. Conde de Villas Boas foi esse braço tenaz, essa intelligencia bem orientada, posta ao serviço de uma santa causa.

Teve de vencer a inercia, a descrença, o

indifferentismo de muitos, a hostilidade e a cegueira de alguns. Trabalhou dia e noite, infatigavelmente, convencendo, apostolando, convertendo, communicando a sinceridade da sua fé e a força da sua convicção, despertando iniciativas, suavizando attrictos, vencendo más vontades.

E o seu enthusiasmo communicou-se, dominou, arrastou, venceu.

Vi-o eu no dia da Parada, com o fato em desalinho, coberto de pó, esfalfado, como se chegasse d'uma grande jornada ou de uma brava batalha, e dizia-me s. ex.^a com uma grande e sentida commoção, as lagrimas a bailar-lhe nos olhos: «bella festa não é verdade? mal dormi, mal comi, não soceguei, mas tenho esta grande e compensadora consolação de que trabalhei para o bem da minha terra.»

E' justo portanto que a nossa terra tenha, para quem por ella tão dedicadamente trabalhou, um reconhecido gesto de agradecimento e algumas palavras de justiça.

E sobretudo, como maior homenagem que lhe pode fazer, é justo, é um dever, que se continue a gloriosa obra que o sr. Conde de Villas Boas começou com uma nobre elevação de principios e um generoso e crente amor pela nossa terra.

J. B.



A. AMBIDEXTRIA

A ambidextria e a intelligencia. — Algumas observações interessantes. — Devemo-nos habituar a exercitar indifferentemente as duas mãos. — As creanças devem ser educadas n'este sentido. — Assim se lhes desenvolverá a intelligencia e preverão os effeitos de qualquer accidente.

NA magnifica publicação franceza *La Revue*, de 1 de Junho ultimo, li um artigo curiosissimo sobre a ambidextria, que não resisti a trasladar para aqui, acompanhado d'algumas considerações que na occasião me occorreram:

«Alguns biologistas allemães, acabam de inaugurar um movimento em favor da ambidextria.

Affirmam elles, que o desenvolvimento do exercicio das duas mãos deve ter necessariamente por corollario o desenvolvimento da intelligencia em geral e o da memoria em particular.

Esta theoria baseia-se nas considerações seguintes: o individuo dextro não tem senão um unico centro de linguagem, localisado á esquerda do cerebro; o ambidextro, ao contrario, tem dois centros de linguagem: um de cada lado do cerebro.

A creança debuta na vida com os dois; mas, como vae despresando dia a dia o exercicio da mão esquerda, um dos centros de linguagem torna-se gradualmente deficiente e sem uso.

Ora, acostumando-se ao emprego da mão esquerda, pôde-se fazer reviver a actividade do centro direito de linguagem e alargar, consequentemente, o campo das faculdades intellectuaes.

Os promotores do movimento citam uma série de observações feitas a este respeito:

Um mancebo attingido por uma paralyisia da mão direita, apresentava ao mesmo tempo effeitos de paralyisia do centro esquerdo de linguagem. Ensinaram-lhe a escrever com a mão esquerda, e o centro direito de linguagem não tardou a substituir o outro.

Uma creança de treze annos, soffreu a amputação da mão esquerda que foi utilmente substituida por uma mão artificial. Aos trinta annos, um ataque de paralyisia privou-a da falla. Adaptando á mão artificial um anel, ao qual se prendia a penna, chegou a escrever tão bem como já o fizera com a mão direita. O centro direito de linguagem fez a funcção do centro esquerdo e em condições taes, que o paralytico pôde novamente conversar, sem difficuldade, não só em allemão, sua lingua materna, mas tambem em francez e russo — dois idiomas que elle tinha esquecido.

A ambidextria é indispensavel em algumas profissões como, por exemplo, na de cirurgião ou de pianista.

Os biologistas que a preconisam, obtiveram já um primeiro successo: o ministro da guerra, na Allemanha, vae experimental-a na escola do exercito, partindo do principio que pôde ser vantajoso para o soldado saber fa-

zer uso das duas mãos, com a mesma habilidade, no manejo das armas de fogo, da lança e da espada.»

Este movimento tende a alargar-se.

As creanças, especialmente, deviam ser educadas a servirem-se indifferentemente das duas mãos em todos os trabalhos e exercicios.

Assim, e admittindo a theoria dos biologistas allemães, não só se lhes desenvolveria a intelligencia e a memoria, como estariam precavidas, no futuro, contra qualquer accidente que as privasse temporariamente do uso de qualquer das mãos ou até contra algum desastre em que tivessem a infelicidade de a perder.

A ambidextria auxilia notavelmente o desenvolvimento muscular da mão e braço esquerdos, que geralmente é muito despresado, limitando-se a grande maioria das pessoas a exercital-os nos trabalhos em que não podem prescindir da mão esquerda e outras apenas aos exercicios de gymnastica e natação.

Referi-me acima especialmente ás creanças, porque estas se podem habituar com mais facilidade, visto como está provado que o abandono da mão esquerda é um habito, como é um habito exercitar apenas a direita.

Para constatar esta asserção, basta attender a que ha algumas pessoas que se habituaram a trabalhar indifferentemente com as duas mãos. Ha tambem os *esquerdinos* que se habituaram a fazer certos trabalhos com a mão esquerda e que não podem executa-los, com a mesma facilidade e perfeição, com a direita; estes, geralmente, são distinctos esgrimistas e jogadores de bilhar.

Alguns auctores affirmam que a ambidextria é um dos caracteristicos dos criminosos; mas a verdade é que esse facto não nos deve preoccupar ou deter na propaganda da ambidextria, se attendermos a que a maior parte dos criminosos não são ambidextros e ha muitos ambidextros que nem por isso são criminosos.

Ainda que outras vantagens não tenha, além das que praticamente podemos aproveitar, é isso o bastante para que se aconselhe e pratique a ambidextria.

M. P.

Dos nossos poetas

MARIA

*Teu desgraçado amor p'ra que esconder-m'ô,
Se o teu falso desdem já não me illude?
Para mostrar saude um corpo enfermo,
Não lhe basta o desejo da saude!*

*Olha p'ra o rio, vê como elle foge
E é sempre ao pé de ti: essa fugida,
Pallida imagem dos meus dias d'boje,
E' uma illusão: assim, Maria, é a vida.*

*Tambem se vê correr e julga a gente
Que ella nos foge mas não foge, não!
Em cada gotta d'agua da corrente
Ha uma onda que volta ao coração.*

*Nossa infancia passou, lá foi levada . . .
Mas, quando n'isso a gente menos pensa,
Apparece ella por manbã doirada,
Como a agua do rio em nuvem densa.*

*Pode fechar-se o ouvido a todo o accorde;
Podem quebrar-se os braços; os desejos
Esses ficam no sangue que nos morde,
Na pelle, que tem covas para os beijos!*

*Ergue-se a folha ao suspirar do vento
E eu ensinei-te que ella é um beijo teu;
Ocorre-me uma prece ao pensamento
E eu levanto-a a ti erguendo-a ao ceu!*

*Amo-te, sim! Se alguém se não conforma
Com este amor, qu'importa? bei-de grital-o!
Tenho marmore e quero erguel-o em forma,
Tomo os teus beijos para incendial-o.*

*Que m'importa que alguém, p'ra meu tormento,
Diga mal d'este amor, se te amo assim?
O mal não é no crime exposto ao vento,
E' na ancía de crime que ha em mim.*

*Amo-te, sim! Teu corpo que eu desejo
Já de chamal-o a minha voz é rouca;
Dos beijos que eu não dei, eu tenho um beijo
Novo p'ra exp'rimetar sobre essa bocca.*

(1) GUEDES TEIXEIRA.

Do seu livro "Saudades do Coração,, (1902)

(1) Poeta de um intenso e suave lyrismo, muito subjectivo e muito sentimental — Os seus versos, se algumas vezes desceem a uma pieguice amaneirada e artificiosa, attingem outras uma grande e bella elevação de sentimento.

CONTOS

A respeito de creadas de quarto

(TRADUÇÃO DE FERNANDES COSTA).

CONTRA todas as creadas de quarto, de qualquer idade ou de qualquer nacionalidade que sejam, aqui lhes deito a minha maldição de celibatario! Porque:

Ellas põem sempre o travesseiro no lado da cama opposto ao bico do gaz, de modo que, emquanto estaes lendo e fumando antes de dormir (segundo o antigo e honrado costume dos solteirões), tendes que conservar o livro levantado no ar, na posição mais incommoda possivel, para evitar que a luz vos dê de chapa nos olhos.

Quando no dia seguinte encontram o travesseiro removido para o outro extremo da cama, não recebem a suggestão amigavelmente; mas, gloriando-se da sua absoluta soberania, e sem commiseração pela vossa fraqueza, fazem a cama exactamente como na vespera, e regosijam-se em segredo com o tormento que a sua tyrannia vos causa.

Sempre depois d'isto, quando vêm que transpozestes o travesseiro, desfazem o que fizestes, e assim vos provocam, e procuram tornar amarga a vida que Deus vos deu.

Se não podem por qualquer outro modo collocar a luz n'uma posição inconveniente, arredam a cama.

Se collocaes o bahú seis pollegadas distante da parede, de maneira que a tampa se sustenha quando o abris, não fazem outra coisa senão encostar outra vez o bahú á parede. Fazem-o de proposito.

Se precisaes do escarrador n'um certo logar, onde vos faça mais geito, ellas não concordam e mudam-o para outro sitio.

Collocam sempre o vosso outro par de botas em logares inacessiveis. Gosam principalmente em mettel-as debaixo da cama, tão longe quanto a parede o permite. E' porque isso vos obriga a baixar em attitudes aviltantes e vos faz vasculhar com a descalçadeira na escuridão, rogando pragas ao mesmo tempo.

Põem sempre a caixa dos phosphoros em

logares differentes. Procuram cada dia novo logar para ella, e collocam uma garrafa, ou qualquer outro objecto de vidro, no sitio onde a caixa devia estar. Isto só para vos fazer quebrar a garrafa ou outro objecto, apalmando ás escuras, e causar-vos perturbação.

Estão sempre e sempre ás voltas com a mobilia. Quando voltaes á noite, podeis calcular que a secretária está onde estava o guarda-roupa pela manhã, E quando sahis de manhã, se deixaes o balde da agua suja ao pé da porta e a cadeira de balouço junto á janella, ao voltar para casa á meia noite, ou pouco mais, tropeçaes á porta e cahis de encontro á cadeira, e seguindo até á janella sentaes-vos em cima do balde. Isto causa-vos desgosto. E' do que ellas gostam.

Pondes seja o que fôr n'um dado sitio; teem ellas logo o cuidado de a tirar de lá. Hão-de tirar as cousas e remexel-as na primeira occasião que tiverem. E' do seu temperamento e feitio. E além d'isso dá-lhes prazer a contrariedade que vos causa em a tyrannia que vos impõem. Morriam se não podessem ser perversas.

Apanham sempre com todo o cuidado os velhos pedaços de papel impresso que atiraes para o chão ou para o lixo, e juntam-os cuidadosamente em monte sobre a meza; ateadando em compensação o lume com os vossos manuscriptos valiosos. Se ha algum papel velho que mais especialmente desejaes deitar fóra do que qualquer outro e de que tenhaes mais empenho em vos livrardes, podeis para esse fim envidar todos os esforços humanamente possiveis, que tudo será em vão; pois ellas hão-de sempre ir buscar o tal papel velho onde quer que elle estiver e tornarão a pol-o no seu logar, de cada vez. Isto é o que ellas fazem bem.

E consomem mais pomada para o cabello do que seis homens. Se as accusam de a furtar, defendem-se mentindo. O que se importam ellas com a vida futura? Absolutamente nada.

Se deixaes a chave na porta por motivo de conveniencia, ellas descem de proposito e vão entregal-a ao porteiro. Fazem isto sob o vil pretexto de quererem proteger-vos contra os ladrões; mas a verdade é que o fazem

pela necessidade que tem de vos obrigar a descer de novo a escada quando chegaes a casa fatigados, ou de fazer com que mandeis um creado buscal-a, creado que fica esperando que lhe pagueis alguma coisa. E n'este caso supponho que as malditas creaturas repartem sempre a gorgeta entre si.

Diligenceiam sempre fazer-vos a cama antes de vos levantardes, destruindo assim o vosso descanso e infligindo-vos uma attribuição; mas depois de estardes levantado, não pensam mais em fazê-la até ao dia seguinte.

Fazem tudo quanto é mau e que lhe vem á imaginação e fazem-o só por gosto e nada mais.

Os corações das creadas de quarto estão mortos para todos os instinctos humanos.

Se tiver occasião de apresentar na Legislatura um projecto de lei abolindo-as, tenciono fazê-lo.

MARK TWAIN.

Chronica ligeira

ACABARAM as quinzenas, mas não vás suppor, leitor amigo, que se trata das celebres casaquinhas d'outras eras ou da subdivisão do tempo comprehendida entre o principio e o meiado d'um mez. As quinzenas que se extinguiram foram cá as do «Barcellos-Revista». Agora tenho liberdade completa, ficando isento do triste desconsolo do assumpto forçado, medido a dias, e livre de te ver a abafar de calor, ler a prosa tiritante do pobre chronista a fallar-te, para cumulo, quando o teu thermometro marcava 27 centigrados, nos celebres gritos de frio que gemia o Sã de Miranda!

Agora, sim, é uma consolação. A penna corre a seu bél praser e até sem destino certo vae tratando d'ennegrecer os tres linguados do estylo, ainda que não seja senão á custa da *corte* da quinzena.

Mas, louvado Deus, a epoca é ferace em acontecimentos, para que me seja preciso

restringir a uma plasticisação systematica de termos erigindo-os mesmo em columna jonica com a voluta mordaz dum pouquinho de ironia.

Era, no emtanto, um exercicio e não muito disciplicente, por certo, pois podia tomar-se como manifestação de revivescencia classica n'um renascimento novo, que não trazendo adstricções excessivas fosse, comtudo, a adaptação do passado, no esplendor brilhante da arte a um modernismo de forma que teria aspecto.



Um grupo de romeiras a caminho de N. S.^a da Franqueira

Cliché de Augusto Soucasaux

Simili-gravura de Marques Abreu

Sinto-me, porém, fraco de mais para tal intento, desengenhoso ensaiador que, se avançasse á experiencia, atirava logo a terra com a lembrada escola. Alem d'isso, não é tambem para inventar systemas litterarios, que aqui affloro quinzenalmente. A minha missão é de dizer alguma coisa do succedido de mais importante cá na terra. E muitas coisas ha em que fallar, disse eu ha pouco, e assim é na realidade. Só o conflicto que ahi ia travado no fóro era de tal modo cheio de peripecias, que dava para 3 «Revistas» completas, ou para uma grande peça theatral, cujos actos podiam ser intitulados . . . eu sei bem como. Fiquemos, porém, assim sobre tão deploravel conflicto.

Antes fallar dos efeitos aqui produzidos pela queda do governo e advento da politica liberal. Mas, francamente, embora isso seja assumpto palpitante e fizesse *rui-*

do — ainda que não fosse senão o que pro-
veio do selvatico estoirar de bombas — é, to-
davia, pesado de mais e nada consentaneo
com a indole d'estas chronicas.

Recorrerei então ao S. João, pois que
quaesquer outros temas, mesmo saídos de
occorrencias que seria justo archivar, já
agora acharei fatigantes. Vamos, pois, ao
Precursor. Quadra alegre e linda, cheia de
sol e descantes, em que as ranchadas das
raparigas refremem de vibrante jubilo. Noite
d'encantos suaves, em que do seio das
orvalhadas traz a voz do mysterio o nome
anceado, senão todo o programma d'amôr,
em que o bando dos namorados simples crê
como n'uma biblia de fé. Noite garrula em

que os segredos se abrem no murmurar das
auras e escorrem no rociar do orvalho . . .
Para quantos ficas perpetuamente memora-
vel, ó doce noite das tradicionaes festinhas!

Este anno cà em Barcellos, passou em re-
lativo socego, mas ainda assim não deixou
de marcar a sua passagem sempre curiosa.
Mas pouco festejada no que diz respeito a
illuminações ou manifestações de maior, pe-
lo menos que chegassem ao meu conheci-
mento. E bom foi, porque, do contrario, não
era já n'esta chronica que me occuparia
d'ellas, pois os tres linguados estão cheios
e, portanto, a tarefa terminada.

M.

QUADRAS DO NOSSO POVO

*Eu tenho tres colletinhos,
Um de linho e dois pintados;
Tambem tenho tres amores,
Um firme, e dois enganados.*

*

*Amor com amor se paga,
Porque não pagas, amor?
Olha que Deus não perdôa
A quem é mau pagador.*

*

*As penas leva-as o vento,
Aquellas que leves são;
Não ha vento que leve umas
Que eu trago no coração.*

*

*Com a mão peguei na penna,
Na penna, para te escrever;
Cahiu-me a penna da mão
Com pena de te não vêr.*

Ao nosso querido director e amigo,
Eduardo da Costa Larcher Marçal, endere-
çamos a expressão sentida do nosso pro-
fundo pezar, pelo golpe que inesperadamen-
te recebeu com o fallecimento de seu mal-
logrado irmão Fernando.

Interesses locais

ESTA terra tem no seu illustre filho, snr. dr.
Manoel Paes Villas de Boas, um verda-
deiro amigo, porque lhe tem prestado rele-
vantes serviços e favores.

Deixado da politica activa, mas aprovei-
tando o que pessoalmente vale, que é muito
para se poder impôr á attenção dos nossos
governantes, s. ex.^a tem sido ouvido e atten-
dido nos desejos que apresenta e no que pe-
de.

Ainda agora s. ex.^a prestou um importante
serviço a Barcellos, o qual foi ter consegui-
do do governo a quantia de 1:500\$00 reis
para reparações na estrada que liga esta ter-
ra á Povoá de Varzim e mais 1:000\$000 reis
para reparar a ponte sobre o Cavado, que
liga esta villa a Barcellinhos.

Barcellense apaixonado, d'aquelles que
comprehendem o dever que todos temos de
ser uteis á sua terra, trabalhando em seu be-
neficio e procurando dotal-a dos melhora-
mentos a que tem muito direito, consola-nos
esta manifestação de interesse mostrada pe-
lo snr. dr. Manoel Paes á sua terra-patria e
ainda como barcellense, agradecemos em no-
me dos interesses de Barcellos que sempre
temos defendido, o favor a esta localidade
prestado por s. ex.^a.

E' sabido que o nosso esforço só pode ser
traduzido em incentivos. Por isso, e regis-

tando nas paginas do *Barcellos-Revista* o facto de o snr. dr. Manoel Paes ter mais uma vez contribuido em beneficio d'esta terra, aproveitamos o ensejo para incitar todos a que, como elle, se empenhem em favor de Barcellos, por que esta terra precisa muitissimo que se olhe por ella, mas a valer.

Oxalá, pois, que em breve possamos registar outros serviços prestados a Barcellos, e sempre o faremos com o louvor que merecem todos que em beneficio d'ella trabalhem — pois não conhecemos outra norma de proceder que não seja ser justo e louvar quem louvores merece.

J. S.



Echos & Variedades

A RAINHA DO SILENCIO

Não é uma figura lendaria nem uma heroína de Maeterlinck, mas uma intelligente e encantadora americana, chamada Mrs. Isaac Rice que, convencida dos desagradaveis effeitos produzidos pela algazarra da nossa vida moderna, fundou a «Liga do Silencio».

Em primeiro logar prohibe o uso do piano. Depois procura fazer a sua propaganda, distribuindo pelas ruas réclames com a menção: «*Calae-vos*».

Ella estabeleceu já uma succursal em Londres e uma em Berlim; organisa outra em Vienna e propõe-se a fazer um ensaio em Paris.

Se ella fôr bem succedida e, chegando até nós, conseguir certos proselytos, muito gratos lhe ficaremos.

OS CHAPEUS DAS SENHORAS

Levanta-se, na Inglaterra, um movimento de protesto contra o uso excessivo de cabeças e plumas d'aves para chapéus de senhora.

Com effeito, só um negociante annunciava ultimamente um sortimento de 400:000 colibris, 6:000 *aves do paraíso* e 500:000 d'outras especies. E' preciso notar que, durante tres mezes, se venderam na Inglaterra 800:000 cabeças d'aves para adornos.

Algumas especies já desapareceram perante estes massacres continuos: o famoso kakadu, da familia dos periquitos, era muito commum em Marrocos. Agora, escusado será procural-o.

Tambem se decidem a lutar contra os estragos da moda: uma poetisa como Florença Dixie, que protestou eloquentemente, e o dramaturgo Bernardo Shaw, que poz a sua fina verve ao serviço d'este movimento de indignação.

Conseqüentemente um caloroso appello é feito ás senhoras da sociedade para emprenderem uma cruzada contra a barbaridade d'este uso, que exige um verdadeiro massacre d'aves.

Pela nossa parte, e interpretando o sentir da *Liga Inglesa*, exhortamos as nossas gentis leitoras a que continuem a usar os seus *pequenos jardins* guarnecidos de fitas e flores: são de uma esthetica muito mais delicada e poupam, assim, a vida a muitas avesinhas inoffensivas, embora com grande sacrificio nosso quando, no theatro ou no salão cinematographico, temos algum pela frente...

O FEMINISMO NA PERSIA

A emancipação da mulher e a reivindicação dos seus direitos politicos, são geralmente considerados como uma innovação occidental ou antes Anglo-Saxonia.

São as eleitoras de Londres e as suffragistas de New-York que, pela sua actividade, parecem ter impulsionado o movimento feminista para a elevação em que hoje se encontra.

Este movimento tem-se propagado: chegou á China, ao Japão e sobretudo á Persia, onde as mulheres adquirem, cada vez mais, uma grande e real importancia. Com uma habilitade notavel, ellas souberam tornar-se um poder financeiro com o qual o Estado pode contar.

Em Téhéran, ligando-se á politica, crearam um partido nacionalista como forma de protesto contra o elemento estrangeiro que, dia a dia, se vae introduzindo no paiz.

N'este anno não haverá emprestimo persa, porque uma d'estas ardentes feministas — a mulher do prefeito da policia de Téhéran, Ephrem — organisou uma associação na qual

os seus membros juraram oppor-se por todos os meios possiveis á introdução, na Persia, de capitaes estrangeiros.

Como consequencia d'esta resolução, as persianas venderam as suas mais bellas e valiosas joias, para com o seu producto virem em auxilio do Thesouro publico; e as delegações feministas agrupam-se em torno dos Bancos do Estado empregando o seu sacrificio como tributo á causa patriotica.

A MOCIDADE DE WAGNER

Encontrou-se ha pouco tempo, em Munich, em casa d'um antiquario, uma opera da juventude de Wagner, *O casamento*, que nunca foi representada.

A este proposito, Wagner contou um dia que, já aos onze annos, cheio da leitura de Shakespeare, tinha traçado o plano d'uma grande tragedia: *Leubald*. No decorrer da acção morriam nada menos de 42 personagens, que voltavam em seguida sob a forma de espiritos.

«Trabalhei n'isso dois annos, dizia Wagner. Foram os unicos dois annos perdidos da minha vida».

AUGUSTO SOUCASAUX

Não vem nada *dimódado!* Os nossos leitores, que o conheciam quando redactor da *Lagrima*, interessante quinzenario humoristico que aqui se publicou sob a sua direcção, a que elle imprimiu sempre graça e relevo, não precisam de inquirir quem será aquelle *brazileiro*, de feito ainda rigorosamente portuguez — o que sempre acontece com aquelles que verdadeiramente amam a sua patria — porque vêem n'elle, immediatamente, o mesmo Augusto Soucasaux de ha seis annos, a mesma figura de então, o mesmo homem sempre alegre, desafiando paixões e *chuchando* com os desconsoles.

Temol-o agora entre nós, por alguns mezes, de regresso de terras brazileiras, onde tem sido por todos estimado e admirado — não só pelo muito que trabalha e estuda, mas tambem pelas suas primorosas qualidades e trato lhano e affavel.

Promette-nos collaboração photographica, motivo por que nos felicitamos e felicitamos os nossos leitores, pois estamos certos de que o Soucasaux, que é um photographo distinctissimo, vem dar grande realce ás paginas da *Revista* com a sua brilhante e artistica collaboração.

Receba o nosso prezado amigo, com o nosso agradecimento, um cordeal abraço de boas-vindas.



O "BARCELLOS-REVISTA,, NO BRAZIL

Não foi em vão que mandamos o 1.º numero do 2.º anno do *Barcellos-Revista* aos nossos estimados patricios, residentes no Brazil.

As provas de deferencia que d'elles temos recebido e o entusiasmo com que alguns accusam a recepção do nosso jornal, endereçando-nos os maiores incitamentos e louvores, veem radicar ainda mais a convicção em que estamos de que o nosso programma se vae cumprindo.

Agradecemos-lhes os favores e gentilezas que nos dispensam e afiançamos-lhes que procuraremos sempre melhorar esta publicação, de modo a merecer, cada vez com maior interesse, o apoio de todos os filhos de Portugal, mórmente barcellenses, que habitam o paiz brazileiro.

O nosso maior empenho é trabalhar a bem de Barcellos: reproduzir pela photogravura os encantos da nossa terra e acompanhar photographicamente os progressos d'ella.

E litterariamente, procuraremos sempre incitar todos a que cuidem de Barcellos: a trabalhar em prol da instrucção e da educação popular, acompanhando as escolas e os estabelecimentos d'educação na sua acção poderosa sobre o futuro da Patria.

Para realisar isto e o mais que é do nosso programma, o que é nosso empenho, muito precisamos do auxilio de todos; e os nossos prezados patricios residentes no Brazil, immenso podem contribuir, querendo, para os progressos do *Barcellos-Revista* e desenvolvimento da sua acção sobre os pontos que deixamos esboçados d'um modo ligeiro.

Contamos, pois, com esse auxilio.